

Métis

História&Cultura

v. 17, n. 33, jan./jun. 2018

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE
CAXIAS DO SUL**

Presidente:
Ambrósio Luiz Bonalume

Vice-Presidente:
José Quadros dos Santos

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:
Evaldo Antonio Kuiava

Vice-Reitor:
Odacir Deonísio Graciolli

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-
Graduação:*
Juliano Rodrigues Gimenez

Pró-Reitora Acadêmica:
Nilda Stecanela

Diretor Administrativo-Financeiro:
Candido Luis Teles da Roza

Chefe de Gabinete:
Gelson Leonardo Rech

Coordenador da Educus:
Renato Henrichs

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCUS

Adir Ubaldo Rech (UCS)
Asdrubal Falavigna (UCS)
Jayme Paviani (UCS)
Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS)
Nilda Stecanela (UCS)
Paulo César Nodari (UCS) – presidente
Tânia Maris de Azevedo (UCS)

EDITORIA

Cristine Fortes Lia
Katani Maria Monteiro Rufatto
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Artur Henrique Franco Barcelos
Universidade Federal do Rio Grande FURG, Brasil

Benito Bisso Schmidt
UFRGS, Brasil

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos
Unisinós, Brasil

Fabio Vergara Cerqueira
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Gunter Axt
Unilassalle, Brasil

José Martinho Remedi
Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Luiza Horn Iotti
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil

Natalia Pietra Méndez
UFRGS, Brasil

Rejane Barreto Jardim
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Renata Siuda-Ambroziak
Universidade de Varsóvia, Polónia

Renato Pinto
UFPE / MAE-USP, Brasil

Roberto Radúnz
UCS e Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Tiago Bernardon de Oliveira
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

CONSELHO CONSULTIVO

Alexandre Hecker
Makenzie/IHCSP
Angelo Trento
Universidade de Nápoles, Itália

Arno Wehling
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Brasil

Chiara Vangelista
Università degli Studi di Genova, Itália

Cicero Galeno Lopes
Unilasalle

Claudio Batalha
Unicamp

Heloísa Pedrosa de Moraes Feltes
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil

Isabel Bilhão
Unisinós, RS, Brasil
Ironita Adenir Policarpo Machado
UPF, Brasil

José Octávio Serra Van-Dúnem
*Faculdade de Direito/Universidade
Agostinho Neto / Angola*

José Miguel Arias Neto
Universidade Estadual de Londrina, Brasil

Luís Fernando Beneduzzi
Università Ca' Foscari, Veneza, Itália

Marcelo Bittencourt
Universidade Federal Fluminense

René E. Gertz
PUCRS/UFRGS, Brasil

Silvio Marcus de Souza Correa
Universidade Federal de Santa Catarina

Tania Regina De Luca
Unesp, Brasil

Métis

História&Cultura

v. 17, n. 33, jan./jun. 2018



EDUCS

Foto da capa: Fernando Bueno

(detalhe da fachada de um prédio na Praça da Alfândega – Porto Alegre – RS)

Editoração: Traço Diferencial

Revisão: Ivone Polidoro Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

M592 Métis [recurso eletrônico] : história & cultura / Universidade de Caxias do Sul – v. 1. n. 1 (2002). – Dados eletrônicos. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2018-.

Vol. 17, n. 33 (jan./jun. 2018)

Semestral

Modo de acesso: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis>>

ISSN online 2236-2762

1. História. 2. Cultura. I. Universidade de Caxias do Sul.

CDU 2. ed.: 94

Índice para o catálogo sistemático:

1. História	94
2. Cultura	008

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Meirelles Meroni – CRB 10/2187

Direitos reservados à:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone / Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR: (54) 3218 2197

Home page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



Sumário

APRESENTAÇÃO / 9

DOSSIÊ:

Educação e comunidades tradicionais: espaços de diálogos interculturais / 17

História e etnografia visual: perspectivas de estudos culturais a partir do registro audiovisual / *History and visual ethnography: perspectives of cultural studies from the audiovisual registry* / 19

Gustavo Batista Gregio

Sandra de Cássia Araújo Pelegrini

Memórias e educação escolar indígena Kariri-Xocó: “por uma educação do nosso jeito” / *Memories and Kariri-Xocó indigenous school education: “for an intercultural education of our way”* / 41

Taysa Kawanny Ferreira Santos

Marizete Lucini

O que pensamos sobre o que é ensinado sobre nós / *What we think about what is taught about us* / 59

Danielle Krislaine Pereira

Sandra Regina Ferreira de Oliveira

Para além do dia 19 de abril: a temática indígena na escola, entre limites e possibilidades / *Before april 19: the indigenous themes in school, between limits and possibilities* / 81

Maria da Penha da Silva

Quilombolas e Educação: Vivências de Ações Afirmativas em três regiões brasileiras / *Quilombolas and Education: Experiences of Affirmative Actions in three brazilian regions* / 103

Arilson dos Santos Gomes

De luta e de escola! mulheres quilombolas e experiências formativas / *About struggles and schools: quilombolas women and formative experiences* / 135

Alessandra Nicodemos

Pablo das Oliveiras

Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História: relações possíveis entre comunidades escolares e comunidades tradicionais / *Ethnic-Racial Relations Education and History Teaching: possible relationships between school communities and traditional communities* / 151

Carla Beatriz Meinerz

Helen Estéfany dos Santos Pinheiro

Práticas educativas nas fortalezas catarinenses: possibilidades de um diálogo plural e intercultural / *Educational practices on the catarinense fortifications: possibilities of an plural and intercultural dialogue* / 171

Pedro Mülbersted Pereira

Elison Antonio Paim

Projeto educar para emancipar: gestão da EJA no campo / *Education project to emancipate: EJA management in the field* / 199

Carlos Dias

Ramofly Bicalho

ENTREVISTA: Experiências educativas, interculturalidade e Compartilhamento de saberes / 217

Patrícia Goulart Pinheiro

ARTIGOS / 225

“Naturalmente” feias, subalternas e masculinas: representações da mulher negra na revista *Educação Física* (1939-1944) / “Naturally” ugly, subaltern and masculine: representations of the black woman in the magazine *Educação Física* (1939-1944) / 227

Jéferson Luis Staudt

Magna Lima Magalhães

Da Deusa Xochipilli à patologização sexual: os estudos etno-históricos sobre a diversidade sexual / *From the Xochipilli Goddess to sexual pathologization: ethnohistory studies on sexual diversity* / 249

Luana P. P. Molina

“Pobres mulheres”: imaginário social e a prostituição em Belo Horizonte / “Poor women”: social imaginary and the prostitution in Belo Horizonte / 267

Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira

Patrimônio e cidade: uma análise sobre os centros históricos brasileiros em tempos de reestruturação urbana / *Heritage and city: an analysis of brazilian historic centers in urban restructuring era* / 293

Júlia Erminia Riscado

Patrimônios em Unidades de Conservação no Brasil: reflexões necessárias /
Patrimony in Brazilian Conservation Units: necessary reflections / 307

Aline Vieira de Carvalho
Isabela Backx

**História da imigração e pesquisas genealógicas: distanciamentos, aproximações
e interações metodológicas possíveis /** *History of immigration and genealogical research:
detachments, approximations and possible methodological interactions / 325*

Rodrigo Luis dos Santos

**“A cada passo se esperava a morte”: o fenômeno da seca no sertão da América
Portuguesa colonial /** *“At every step, death was expected”: the drought phenomenon
on the Portuguese Colonial America hinterlands / 343*

Tiago Bonato

**“Eu tenho tantas dúvidas”: o filme “Dúvida” e a construção do conhecimento
histórico /** *I have such doubts”: Doubt (the movie) and the making of historical
knowledge / 355*

Moisés Antiqueira
Paulo Roberto de Oliveira

As memórias de Edward Said / *Memories of Edward Said / 369*

Camilla Miranda Martins

Apropriações da pedagogia racionalista na Escola Moderna Nº1 (1912-1919) /
Appropriations of rationalist pedagogy at Modern School Nº1 (1912-1919) / 381

Douglas Bahr Leutprecht
Norberto Dallabrida

Apresentação

Ao propormos o dossiê **Educação e comunidades tradicionais: espaços de diálogos interculturais**, intencionamos possibilitar a visibilidade de experiências educativas, a partir dos pressupostos da interculturalidade e do compartilhamento de saberes com comunidades tradicionais, tais como: quilombolas, povos de terreiro, povos indígenas, movimentos sociais, associações e espaços de memória popular. Compreendemos tais comunidades e espaços como os mais qualificados para as práticas do diálogo intercultural, reconhecendo nossa posição de aprendizes nesse processo.

A proposição ora materializada, através das escritas que se identificaram com nossas intenções, deseja igualmente possibilitar um debate acerca do tensionamento entre dois campos do conhecimento de difícil diálogo. Referimo-nos aos campos do conhecimento científico e do conhecimento não científico. Sabemos que tais fronteiras são definidas numa colonialidade do poder e do saber (QUIJANO, 2005), nas quais a hegemonia e a própria linguagem são determinadas pela tradição de conhecimento e autorreconhecimento denominada ciência. Essa colonialidade tem marcado processos de negação e não reconhecimento de outros modos de pensar e explicar os fenômenos da vida.

Tal ausência de diálogo ou de não reconhecimento pode ser contraposta por meio de observações realizadas por Boaventura de Sousa Santos (2002), a partir de uma investigação sobre a “reinvenção da emancipação social”. O sociólogo indica que

[...] a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera. [...] esta riqueza social está sendo desperdiçada. É deste desperdício que se nutrem as ideias que proclamam que não há alternativa, que a história chegou ao fim, e outras semelhantes. [...]; para combater o desperdício da experiência, para tornar visíveis as iniciativas e

os movimentos alternativos e para lhes dar credibilidade, de pouco serve recorrer à ciência social tal como a conhecemos. (SANTOS, 2002, p. 238).

Ao indicar o desperdício da experiência, Santos realiza uma crítica ao modelo de racionalidade que denomina de *razão indolente* e propõe um projeto racional que se funda em três procedimentos sociológicos: “a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução”. (2002, p. 239).

A sociologia das ausências situa as experiências sociais desperdiçadas e nos possibilita considerar que, para além do que tem sido visibilizado no âmbito do conhecimento acadêmico, outras importantes experiências têm sido mantidas numa invisibilidade produzida, que intenciona a negação de outras formas de existir e de reexistir.

Na perspectiva do autor, considerar que a tradição científica ou a filosofia ocidental são as únicas existentes e possíveis, ou ainda unívocas e verdadeiras, é concepção constituída por uma única racionalidade hierarquizante, que se caracteriza por contrair o presente e expandir o futuro, característica fundamental do que se denomina de sociologia das ausências.

Ao contrair o presente, esvazia-se-o de significado, o que nos impossibilita conhecer as diferentes experiências sociais, na perspectiva do autor, inesgotáveis.

Tal inesgotabilidade pode ser vivida e sentida em nossos envolvimentos com grupos sociais, que têm uma experiência cultural destoante da lógica produtivista ocidental. Lógica edificada sob a produção da não existência, principal característica da sociologia das ausências.

A produção da não existência, sustenta-se a partir de cinco lógicas, quais sejam: a lógica da monocultura do saber; a lógica do tempo linear; a lógica da classificação social; a lógica de escala dominante entre global e local e a lógica produtivista-capitalista. As cinco lógicas seriam as responsáveis pela produção de não existência materializadas no ignorante, no residual, no inferior, no local e no improdutivo. Para o autor, essas formas desqualificadas do existir resultam na subtração do mundo e no desperdício da experiência. (SANTOS, 2002).

Em contraponto às lógicas que são apresentadas como totalidades hegemônicas, o autor propõe uma sociologia das emergências como enfrentamento, por intermédio de uma Ecologia de Saberes, em que se substitua a monocultura do saber científico. Igualmente visualiza-se uma

possível ecologia das temporalidades, capaz de questionar a monocultura do tempo linear; uma ecologia dos reconhecimentos, que se contraponha à lógica da classificação social; uma ecologia das transescalas, que recupere o que no local não é efeito de globalização hegemônica e uma Ecologia da produtividade, que recupere e valorize sistemas alternativos de produção. (SANTOS, 2002).

Contudo, para efetivar uma sociologia das emergências, dois tipos de imaginação são necessários, a epistemológica e a democrática. Imaginações que consideram a diversificação de saberes e o reconhecimento de outros atores e práticas sociais. Para tanto, há que se despensar, desrisidualizar, desracializar, deslocalizar e desproduzir.

Assim, a sociologia das ausências se situa, no domínio das experiências sociais disponíveis e a sociologia das emergências, no domínio das experiências sociais possíveis. Da relação entre as ausências e emergências, nos compete o trabalho de tradução que, para o autor, implica uma hermenêutica diatópica. Esta hermenêutica “parte da ideia de que todas as culturas são incompletas e, portanto, podem ser enriquecidas pelo diálogo e pelo confronto com as culturas”. (SANTOS, 2002, p. 264). O trabalho de tradução se constitui numa possibilidade de diálogo. Diálogo que implica um esforço intelectual, político e emocional, pois se trata de colocar diferentes campos sociais em contato. Esses campos sociais apresentam diferentes formas de conhecer, pensar, agir e sentir. Os modos de vida podem interagir ou chocar-se, encontrar-se desencontrar-se. Para Santos, “o trabalho de tradução é um trabalho argumentativo, assente na emoção cosmopolita de partilhar o mundo com quem não partilha o nosso saber ou a nossa experiência”. (2002, p. 272).

E, novamente, ocorre-nos que o trabalho de tradução não pode significar a repetição do “imperialismo cultural”. Contudo, para Santos (2002, p. 273), “a justiça social não é possível sem uma justiça cognitiva global”. Da mesma forma, acreditamos que a justiça global só é possível mediante uma sociedade efetivamente democrática e equitativa, o que também implica justiça cognitiva.

No âmbito da justiça cognitiva, parece-nos significativo considerar a reflexão de Balduino Antonio Andreola (2007), ao apontar a emergência de um pensamento latino-americano, na condição de novo paradigma científico. Para Andreola, o modelo de universidade que foi implantado no Brasil, assim como em outros países da América Latina, configura-se como um modelo transplantado de universidades europeias. As formas de colonialismo intelectual e acadêmico comumente experienciadas nas universidades, e

relatadas no texto por Andreola se configuram em recusas e resistências à emergência de pensadores brasileiros, latino-americanos e africanos na academia. O autor nos remete a pensar que o colonialismo de que padece a universidade brasileira apresenta algumas características específicas e configura questões do âmbito epistemológico e político, que se materializam em “dogmas, normas e rituais” severos, limitando a liberdade de pensamento, de pesquisa e de produção científica. (ANDREOLA, 2007, p. 63).

Colonialismo que frequentemente impede que os conhecimentos produzidos pelos movimentos sociais, pelas distintas comunidades ou pelas diversas instituições educativas, circulem e se coloquem em posição de validade e equidade cognitiva, sem os danos da estigmatização e do silenciamento das formas de existir que representam.

O dossiê **Educação e comunidades tradicionais: espaços de diálogos interculturais** constitui-se a possibilidade de registrar experiências de pesquisa, ensino ou extensão, engendradas em processos de diálogos com grupos sociais diversos, capazes de efetivar a emergência de movimentos que dilatam o tempo presente como possibilidade de descolonizar o nosso pensar e fazer acadêmico.

Descolonizar o pensar e o fazer implica considerar que a colonialidade se instaura como processo histórico e se constitui a partir de questões mundiais como “a que a liga aos desenhos globais do poder, capital e mercado”. (WALSH, 2009, p. 14).

Na reflexão de Catherine Walsh (2009, p. 15), um aspecto da colonialidade do poder nos chama a atenção por relacionar-se a uma das questões que nos motivaram a propor esse dossiê. Referimo-nos “à colonialidade cosmogônica ou da mãe natureza, que se relaciona à força vital-mágico-espiritual da existência das comunidades afrodescendentes e indígenas, cada uma com suas particularidades históricas”.

Essa dimensão da colonialidade do poder possibilita a anulação de sistemas/modos de vida de comunidades indígenas e africanas. A desconstrução, negação da cosmovisão de comunidades indígenas e africanas se efetiva como negação de suas filosofias, de seus pensares e fazeres. Negação que silencia e se concretiza como não existência de outras formas de conhecer, de pensar e de fazer, logo não existência do ser. Nesse aspecto, a da não existencialidade atribuída, muitas discussões têm chamado a atenção para a necessidade de pensarmos em outras relações necessárias que possibilitem a afirmação/reconhecimento da existencialidade de grupos sociais, que operam em outras lógicas do pensar e do conhecer, na perspectiva da interculturalidade crítica. Para Walsh (2009, p. 22), “a interculturalidade

crítica [...] é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização”.

A interculturalidade crítica se constitui como possibilidade de emergência de outras formas de pensar e fazer, a partir de coletividades sociais. Coletividades que hoje têm se organizado e dito a sua palavra em movimentos sociais. Palavra que instaura a existência dessas coletividades com um projeto político, um projeto de existência e reexistência coletiva.

Essa opção teórico-metodológica cria movimentos radicais de transformação nas relações de saber e de poder, na medida em que o diálogo pressupõe divisão de espaços com os sujeitos que, até então, agenciavam resistências em processos de exclusão violenta, cotidianamente reafirmando a existência. Esse dossiê quer reafirmar a produção de um pensamento brasileiro e latino-americano, capaz de provocar rupturas, dividir espaços, continuar a conversação e permitir que nossas certezas colonialistas, fundadas no racismo epistemológico e social, sejam despendadas, desracializadas, desresidualizadas, deslocadas e desproduzidas.

É com esse olhar que recebemos os artigos que compõem este dossiê.

Nele, o leitor encontrará compartilhamentos de pesquisas com comunidades indígenas, quilombolas, escolares, no campo e na cidade. A seguir, anunciamos resumidamente as escritas aqui oferecidas.

O artigo de Gustavo Batista Gregio e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini trata de um bonito encontro com mulheres indígenas do Parque do Xingu, pelo registro audiovisual etnográfico. Através dele, é possível considerar a potencialidade de ensino e pesquisa nas experiências com mulheres que, a partir da produção visual, se tornaram interlocutoras de suas comunidades e guardiãs de suas memórias e práticas culturais.

A escrita de Taysa Kawanny Ferreira Santos e Marizete Lucini discute as temáticas da memória, da educação escolar indígena e da interculturalidade, a partir de pesquisa sobre as memórias narradas nos suportes didáticos elaborados pelos indígenas Kariri-Xocó, povo que habita o território indígena, no município de Porto Real do Colégio, no Estado de Alagoas. Com ela, compreendemos o valor da escuta, pois conhecemos a perspectiva das lideranças indígenas Kariri-Xocó sobre a importância da memória para a educação escolar indígena intercultural e diferenciada, como instrumento de resistência e de construção de relações de pertencimento cultural.

As autoras Danielle Krislaine Pereira e Sandra Regina Ferreira de Oliveira socializam resultados de pesquisas sobre como lideranças dos povos indígenas Kaingang, Guarani e Xetá interpretam o que se escreve sobre suas histórias

e culturas nos livros didáticos. O título nos instiga a mergulhar na reflexão, na medida em que afirma tratar sobre “o que pensamos sobre o que é ensinado sobre nós”.

Ainda na temática indígena na escola, temos o estudo de Maria da Penha da Silva, capaz de nos convidar a pensar acerca das práticas pedagógicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, num município com a presença do povo indígena Xukuru do Ororubá, onde as crianças indígenas ocupam espaços nas escolas públicas e urbanas. Escrita que atenta para os limites e as possibilidades de superação de práticas docentes convencionais, tensionadas pela possibilidade do diálogo comunitário, porque em escolas próximas de áreas indígenas.

Arilson dos Santos Gomes nos brinda com o importante debate acerca da presença quilombola, através de políticas de ação afirmativa, em espaços de conhecimento comunitário e de Ensino Superior. O trabalho cruza dados de três experiências distintas, no âmbito da educação formal e informal quilombola e do acesso de quilombolas a projetos específicos, executados em três cidades brasileiras: Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul; Marabá, situada na região sudeste do Pará, e Redenção, localizada na região do Maciço do Baturité, no Ceará.

Acerca das comunidades quilombolas, Alessandra Nicodemos e Pablo das Oliveiras abordam a conformação identitária de mulheres quilombolas na Ilha da Marambaia, numa perspectiva geracional. As trajetórias de vida dessas mulheres, em distintas experiências educativas retratadas, através de duas gerações, materializam-se em torno da luta política em que estão inseridas, destacando-se o reconhecimento da titularidade da terra, conjugada à reprodução de suas condições materiais de sobrevivência e de manutenção de sua cultura como comunidade tradicional.

Helen Estéfany dos Santos Pinheiro e Carla Beatriz Meinerz apresentam resultados de estudo que problematizam conexões entre o Ensino de História, a Educação das Relações Étnico-Raciais e a relação das comunidades escolares com as comunidades tradicionais, especificadamente quilombolas e indígenas. Destacam as formas de recepção da Lei 10.639/03, nas experiências escolares do município de Palmares do Sul, localizadas em terras próximas de uma aldeia Mbya Guarani-Teko'a Yriapú, assim como de um Quilombo – Limoeiro.

O texto de Pedro Mülbersted Pereira e Elison Antonio Paim traz um tema diferenciado, convidando-nos a observar a relação das comunidades escolares com os patrimônios culturais, numa perspectiva de diálogo intercultural. Analisa práticas educativas, que têm sido desenvolvidas por

professores da rede municipal de Florianópolis, nas fortalezas catarinenses tuteladas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e propõe o debate acerca da democratização destes bens culturais.

Carlos Dias e Ramofly Bicalho dos Santos tratam da educação no campo, na sua estreita articulação com os movimentos sociais, em diálogo com a luta pela terra. Identificam, em suas análises, as descontinuidades do projeto de educação de jovens e adultos “Educar para Emancipar”, desenvolvido em parceria UFRRJ, pelo MST e pela Fetag, através do Pronera.

Finalmente, nosso dossiê traz uma entrevista repleta de sensibilidades construídas na ancestralidade da Mestra Griô Maria Elaine Rodrigues Espíndola, mulher negra e ativista social da **MOCAMBO** – Associação Comunitária Amigos e Moradores do Bairro Cidade Baixa e Arredores, organização voltada à preservação das memórias e culturas afro-gaúchas. Com Mestra Elaine, aprendemos sobre a relação com a natureza e, mais especificadamente, com as plantas medicinais que, ao fim e ao cabo, trata-se de pensar sobre nós mesmos, nosso corpo, nossas maneiras de pensar, sentir e agir.

Que a leitura aconteça como compartilhamento capaz de espalhar os bons ventos do diálogo fraterno e equitativo.

Carla Beatriz Meinerz e Marizete Lucini

Referências

- ANDREOLA, Balduino Antonio. A universidade e o colonialismo denunciado por Fanon, Freire e Sartre. *Cadernos de Educação*, n. 29, p. 45-72, jul./dez. 2007.
- QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. [Internet]. Buenos Aires: Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf>. Acesso em: jul. 2018.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 237-280, out. 2002.
- WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: *in-surgir, re-existir e re-viver*. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

